

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pub/livros/2340>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2024 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## O COMPROMISSO DE GEORGE STOCKING JR. COM O HISTORICISMO COMO PRINCÍPIO REGENTE DO ESTUDO HISTÓRICO: LIMITAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

*Maria Paula Rodrigues Martins de Carvalho<sup>1</sup>*

“Não se trata, dessa maneira, de apenas desconstruir discursos na chave política e ideológica, mas, antes, entender por que esses ‘textos’ continuavam a fazer tanto sentido. No limite, é fácil rir do passado, mais difícil é compreendê-lo”

Lília Schwarcz

Sobre a historiografia da antropologia, é possível apresentar, dialogar e defrontar diversas modalidades historiográficas empregadas na redação da história da disciplina antropológica, dentre elas a de George W. Stocking Jr. (1928-2013). Nascido na Alemanha, mas tendo crescido e vivido nos Estados Unidos, Stocking é considerado expoente na emergência de um sub-campo historiográfico na antropologia. Marcado pelo seu caráter metódico e sistemático, produziu títulos sobre diversas tradições antropológicas, além de exposições programáticas em relação aos dilemas epistemológicos e metodológicos da historiografia da antropologia e seu compromisso com o historicismo como princípio regente do estudo histórico. Esta apresentação visa apresentar a abordagem historicista de Stocking, em contraponto à chamada “presentista”,

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

e por fim possíveis limitações – como o foco quase exclusivo no cânone da disciplina e o interesse quase nulo na relação trajetória-obra das personagens – e contribuições do historicismo para a investigação histórica e produção do conhecimento antropológico atual.

Anteriormente à legitimação da historiografia da antropologia como disciplina, consagrada por Stocking a partir dos anos 60, a história da antropologia era redigida por antropólogos no fim de carreira. Em um período em que a antropologia ainda procurava afirmar-se como ciência, tais produções decorriam do acúmulo empírico de uma massa de dados organizados como fatos consensuais do que era considerado parte da história da teoria antropológica. “A trajetória bem-sucedida dos autores e o fato de serem contemporâneos dos eventos e publicações davam credibilidade e legitimidade às narrativas” (PEIRANO, 2004, p. 103), organizadas e apresentadas objetivamente pelo arsenal gradual de conhecimento sobre períodos e atores determinados de forma linear, generalizante e autoral. A título de exemplo, algumas obras desta modalidade historiográfica são o livro *History of Anthropology* (1934) de Alfred Haddon (1855-1940) e *The History of Ethnological Theory* (1937) de Robert Lowie (1883-1957).

O interesse na historiografia da antropologia por parte dos antropólogos também pode ser visto em Alfred Irving Hallowell (1892-1974), antropólogo norte-americano boasiano que foi professor de Stocking em sua pós-graduação na Universidade da Pensilvânia nas disciplinas de “Psicologia e Cultura” e “A História da Antropologia” (STOCKING, 1976, p. 17). Diferentemente dos trabalhos citados, a preocupação histórica de Hallowell era muito mais específica: investigar o advento da antropologia profissional moderna na cultura da Europa Ocidental. Em *The History of Anthropology as an Anthropological Problem*

(1965), Hallowell se debruça sobre a história da antropologia como um problema antropológico, “abordagem que é, no melhor sentido, tanto histórica quanto antropológica” (STOCKING, op. cit., p. 19). Para tanto, ele trata, de forma sinuosa, eventos e condições históricas em termos de sua versão da antropologia, indicando que, mesmo que outras culturas façam questões antropológicas legítimas, houve, no entanto, uma superação intelectual fundamental do nível da antropologia “*folk*” para “o desenvolvimento da ciência moderna como uma abordagem racional de estudo de fenômenos que transcende o conhecimento *folk* em todas as frentes” (HALLOWELL, 1965, p. 36, trad. minha) – inclusive, e justamente, na antropologia.

A despeito da abordagem de Hallowell inovar em relação às anteriormente citadas ao buscar uma abordagem antropológica para tratar da história da antropologia, dirigindo sua atenção para as circunstâncias históricas nas quais surgiram questões para ele centrais, Stocking se contrapõe. Em seu editorial programático *On the Limits of ‘Presentism’ and ‘Historicism’ in the Historiography of the Behavioral Sciences* (1965), apresentado na mesma edição do *The Journal of the History of the Behavioral Sciences* que o artigo de Hallowell (1965), ele estabelece as balizas entre duas perspectivas de pesquisa historiográfica a partir de dicotomias que as distinguem. Tais pares de oposição desenvolvidos sistematicamente pelo autor permitem entender os fundamentos destas duas formas de escrita da história da disciplina, divisão muitas vezes mobilizada no âmbito dos estudos sobre a historiografia da antropologia com o propósito de diferenciar formas de se compreender o passado. Seriam essas perspectivas o *presentismo*, estudo do passado condicionado pelas preocupações do presente, e o *historicismo*, estudo do passado através de seus respectivos contextos históricos.

Desta maneira, Stocking discorre sobre estas orientações historiográficas a fim de “defini-las e discutir seus méritos relativos” (STOCKING, 1965, p. 211, trad. minha) e assim expressa sua preocupação com os contextos e processos de produção, em compromisso à análise histórica pautada no passado pelos termos do passado, o historicismo. Em vista disso, já é possível entender a primeira dicotomia: *contexto* e *análogo*. A abordagem historicista vale-se de entender o contexto histórico das produções da disciplina, enquanto a presentista abstrai as produções de seu contexto “para vê-lo em uma relação abstrata com análogos no presente, ela é propensa a interpretações errôneas e anacrônicas” (ibid., p. 212, trad. minha). Ao procurar no passado fenômenos que parecem se assemelhar aos que o preocupam no presente, o presentista traça a história da antropologia em um movimento linear de *sequência*, enquanto no historicismo busca ver a mudança histórica como um *processo*. Daí o segundo contraste. Tendo como exemplo Hallowell (1965), é claro o presentismo em sua concepção da disciplina a partir de um progresso cumulativo ascendente na racionalidade.

Seguindo, outro dualismo é *emergência* e *agency*. “*Agency*” aqui não no sentido estabelecido como conceito antropológico, o qual é muito mais recente do que essa discussão, mas no sentido de autonomia dos sujeitos na definição da história. Uma perspectiva historicista não aponta para “grandes homens, forças determinísticas específicas ou a “lógica” do próprio desenvolvimento histórico” (STOCKING, op. cit., p. 212, trad. minha) como decisivos ou inauguradores de instituições antropológicas, na verdade, as vê como fruto de um processo de *emergência* de diversos autores. No presentismo, ao contrário, “na medida que o grau de envolvimento partidário e o esforço historiográfico aumentam, o autor pode tentar legitimar um ponto de vista atual reivindicando para

ele um suposto “fundador” da disciplina” (STOCKING, 1965, p. 215, trad. minha). Stocking (1992) demonstra, por exemplo, que a pesquisa de campo não foi inaugurada por Bronisław Malinowski: títulos passados já adotavam um estilo reconhecidamente “moderno” de etnografia. Dessa forma, Stocking desconstrói o arquétipo de Malinowski como responsável pela institucionalização da pesquisa etnográfica a partir de evidências históricas.

Se Stocking (1992) demonstra uma continuidade entre o evolucionismo e o funcionalismo, entendendo que paradigmas e escolas de pensamento antropológico não se encerram de modo súbito, está aí outro contraste com o presentismo, o qual ele retrata na oposição *thinking* e *thought*, traduzida por Peirano (2004, p. 104) como *pensar* e *pensamento*. Melhor dizendo, o historicista não estuda um pensamento antropológico já o considerando como encerrado ou perfeitamente delimitado, olhando apenas para a resposta que foi apresentada, mas para as perguntas e alternativas que estavam sendo pensadas naquele momento, uma vez que “um pensamento inclui o que seu pensador elimina; uma ideia tem sua qualidade particular pelo fato de que outras ideias, expressas em outros meios, são comprovadamente alternativas” (LEVENSON apud. STOCKING, 1965, p. 212, trad. minha). De novo, a atenção da perspectiva historicista está em abordar as ideias do passado em seu contexto, tendo em vista não só as proposições, mas, juntamente a elas, as questões e alternativas ali levantadas, na tentativa de apreender o desenvolvimento processual do pensamento.

Sem delonga, ainda em defesa da historiografia que procura entender a integridade histórica da disciplina em seu próprio tempo e não em qualquer estrutura epistemológica hodierna, Stocking apresenta a dicotomia entre *razoabilidade* e *racionalidade*. No presentismo, o passado

é avaliado, estranhado, com foco na racionalidade do pensamento em um processo que leva ao presente; enquanto uma orientação historicista procura a plausibilidade daquilo naquele momento. “Ele passa a analisar por que, apesar disso, esse pensamento não era ridículo... mas razoável – apesar ou por causa da racionalidade imperfeita” (LEVENSON apud. STOCKING, 1965, p. 213, trad. minha). À vista disso, conduz-se pelo *entendimento* da razoabilidade da ciência naquele passado, ao invés de pelo *juízo* segundo “padrões presentes ou absolutos de racionalidade” (loc. cit.), sendo esta outra oposição desenvolvida pelo autor.

O historiador que faz uso da abordagem presentista tem uma postura motivacional *utilitária*, ou seja, exige que o passado “seja relacionado e até mesmo útil para promover suas atividades profissionais no presente.” (loc. cit.). De maneira contrastante, o historicista rejeita o critério de valor em relação à sua utilidade presente ao buscar entender as propostas passadas segundo seu sentido local, sua dimensão histórica, e assim “não exige mais do que a satisfação emocional que flui da compreensão de uma manifestação do ser humano em transformação no tempo” (loc. cit.). Para resumir, o historiador da ciência que se orienta pelo historicismo tem uma postura motivacional *afetiva*, nos termos de Stocking. Aliás, paradoxalmente, o autor argumenta que, ao adotar o uso afetivo, a busca por utilidades atuais no passado é muito mais factível, pois nesta modalidade historiográfica de procura pelas perguntas às quais as ideias respondiam e as alternativas que suas respostas pretendiam excluir, é possível “distinguir entre as perguntas que ele fez e que já foram respondidas há muito tempo, as perguntas que ainda estão em aberto e as perguntas que nem sequer reconhecemos mais como tais” (ibid., p. 217, trad. minha).

Finalmente, ainda sobre um último par de oposição, Stocking (1976), em uma introdução crítica ao trabalho de Hallowell, sumariza estas duas formas de pesquisa e escrita da história da disciplina em termos de abordagens *êmica* e *ética* do passado antropológico. A primeira é a do historicismo, uma “tentativa de compreensão “êmica” do passado antropológico em seus próprios termos” (ibid., p. 18, trad. minha); a outra é a do presentismo, “um relato ostensivamente “ético” da verdadeira linha de progresso antropológico” (loc. cit.). Hallowell (1965) tem um ponto de vista ético, dado que se utiliza dos seus próprios critérios de cultura em uma perspectiva normativa e evolutiva que leva ao seu momento presente. Stocking, por sua vez, defende a perspectiva êmica de estudo do passado através de seus atores e concepções em voga naquele contexto. Enfim, o aspecto fundamental sustentado é que “os eventos, as personagens e as obras precisam estar sempre situados no contexto social e histórico da época” (PEIRANO, 2004, p. 105).

Este estabelecimento de dicotomias pautadas no presentismo e no historicismo é um procedimento adrede simplificador, visto que se trata de um texto programático destinado a apresentar e contrapor os fundamentos da diferença entre estas duas maneiras de pesquisa historiográfica. Stocking (1965) é autoconsciente do caráter simplificador “desses praticantes francamente ideais-típicos” (ibid., p. 213, trad. minha), estabelecidos para identificação e referência comparativa de paradigmas “que iluminam o acadêmico que se dedica a essa busca” (ibid., p. 213, trad. minha). Destarte, com organização e meticulosidade *sui generis*, o autor percorre as oposições para ilustrar escopo e método destas formas de historiografia, em defesa da

abordagem em termos de contexto, processo, emergência, *thinking* razoabilidade. De fato, o fardo deste ensaio é que esse objetivo exige uma orientação afetiva e historicista que tenta “entender o passado pelo bem do passado”. Ao suspender o julgamento quanto à utilidade atual, tornamos esse julgamento possível em última instância (ibid., p. 217, trad. minha).

Não obstante que a abordagem de Stocking se propõe idiográfica, voltada à compreensão dos eventos históricos em sua singularidade, ele acaba por incorporar elementos nomotéticos na prática de sua historiografia da antropologia. Isto é, Stocking é excessivamente nomotético na medida em que se limita a historiografar apenas o cânone da disciplina. Esta limitação do interesse de Stocking pela regra, de não trabalhar com nada fora do cânone, poder ser não só um ponto conservador de seu trabalho, mas também improdutivo, uma vez que ignora qualquer elemento anômalo da história, os quais servem pra entender bem a própria regra por exigirem um entendimento prévio do espaço social.

Da perspectiva epistemológica, uma pesquisa interessada em anomalias é sem dúvida intelectualmente mais rica que outra focalizada sobre regras; isso porque as anomalias pressupõem de imediato as regras, mas estas são incapazes de prever aquelas; do contrário, as anomalias não existiriam (SOBRAL, 2018, p. 5).

A historiografia de Stocking também é limitada na questão da relação trajetória-obra. Para ele, pouco interessa os dados e as trajetórias das personagens; seu interesse é nas ideias dessas, praticamente sem considerar a influência da vida social e da trajetória pessoal. De maneira oposta, Lygia Sigaud (1996), para citar um exemplo, demonstra como a produção do antropólogo britânico Edmund Leach é inseparável de sua trajetória rebelde desenvolvida desde sua relação com sua família.

De todo modo, ao longo de sua trajetória acadêmica, Stocking foi se tornando mais maleável e aberto à incorporação de certas características tidas presentistas, reconhecendo-se idealizado no início de sua carreira, sendo impraticável ser incondicionalmente historicista, no sentido programático apresentado no ensaio de 1965. Ainda assim, Stocking (2010) entende que há de se ter algum nível de interpretação subjetiva, mas, consciente disso, o faz tentando entender o passado “pelo bem do passado”: “aceitando, portanto, um componente “presentista” necessário da compreensão histórica, eu daria prioridade historiográfica às perspectivas sobre o passado que ainda considero historicistas.” (STOCKING, 2010, p. 155, trad. minha).

Por fim, outro labéu da historiografia de Stocking é a privação de um caráter crítico em seu trabalho: não apresenta preocupação em fornecer uma reflexão atual ou discutir intervenções na teoria antropológica atual, sua preocupação é analisar o cânone e não “politizar” personagens e suas trajetórias, como faz, por exemplo, Mariza Corrêa (2003). De qualquer forma, apesar disso, Stocking trata das instituições antropológicas passadas com imenso tato e prudência, tanto que muitos estudantes de antropologia optam por ler suas obras historiográficas sobre cânones antropológicos ao invés dos cânones em si, o que é um grande erro posto que, ainda mais pensando na proposta do historicismo, não podemos ficar reféns apenas da leitura de um autor sobre o passado da disciplina. “Este é um problema que traz consequências sérias para a formação de novas gerações, já que estudantes evitam trilhas monografias clássicas em favor de relatos interessantes de Stocking” (PEIRANO, 2004, pp. 103-104).

Com efeito, em conclusão, ainda com as limitações apontadas, Stocking tem uma importância imensurável para a historiografia da

antropologia, contribuindo não só pelas pesquisas sobre o passado da disciplina, mas também por impulsionar a criação do campo da historiografia da antropologia como disciplina em si mesma, para além de como escritos de final da vida a partir de um acúmulo gradual de conhecimento. Este novo entendimento sobre a produção da antropologia, mesmo com todos os riscos e simplismos presentes em seu trabalho programático, foi efetuado por ele com imensa erudição. Não lidamos com o passado da ciência com um estranhamento alienígena, “nada como acompanhá-lo junto à sua época, com o objetivo de evitar avaliações presentistas, anacronismos de toda sorte ou interpretações muito condicionadas por uma agenda contemporânea” (SCHWARCZ; ARAÚJO, 2010, p. 290). Reconhecemos a alteridade do tempo. É preciso historicizar, no sentido historicista, a disciplina.

## REFERÊNCIAS

- CORREIA, Mariza. **Antropólogas e antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, pp. 13-32, 185-207.
- HADDON, Alfred C. **History of Anthropology**. Londres: Watts & Co., 1934, pp. 100-144.
- HALLOWELL, A. Irving. The History of Anthropology as an Anthropological Problem. **The Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 1, n. 1, 1965, pp. 24-38.
- LOWIE, Robert Harry. The history of ethnological theory. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1937.
- PEIRANO, Mariza. “In this contexto”: As várias histórias da antropologia. In: PEIXOTO, Fernanda Arêas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ, Lília Moritz (orgs.). **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. pp. 99-121.

- SOBRAL, Luis Felipe. Lady Frazer e seu marido. Gênero e anomalia na história da antropologia. **cadernos pagu**, p. e185406, 2018.
- STOCKING JR., George W. “An Anthropologist’s Anthropologist”: Hallowell’s Anthropological Trajectory in Disciplinary and Cultural Context. In: HANDLER, Richard (Ed.). **Significant others: interpersonal and professional commitments in anthropology**. Univ of Wisconsin Press, 2004, pp. 212-260.
- STOCKING JR., George W. Introduction. In: HALLOWELL, Alfred Irving. **Contributions to anthropology: selected papers of A. Irving Hallowell**. University of Chicago Press, 1976, pp. 17-19.
- STOCKING JR., George W. **Glimpses into my own black box: An exercise in self-deconstruction**. Univ of Wisconsin Press, 2010.
- STOCKING JR., George W. On the Limits of “Presentism” and “Historicism” in the Historiography of the Behavioral Sciences. **The Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 1, n. 3, 1965, pp. 211-218.
- STOCKING JR., George W. The Ethnographer’s Magic. Fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski. **The Ethnographer’s Magic and Other Essays in the History of Anthropology**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1992, pp. 12-59.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Dos males da dádiva: sobre as ambiguidades no processo da Abolição brasileira. In: CUNHA, Olivia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos Gomes (orgs.). **Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, pp. 23-54.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; ARAÚJO, Íris Moraes. Notícias de um precipício ou George Stocking Jr. e a antropologia vitoriana. **Cadernos de Campo**, v. 19, n. 19, p. 289-290, 2010.

GT 8: Histórias das Antropologias



SIGAUD, Lygia. Apresentação. In: LEACH, Edmund. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**: um estudo da estrutura social kachin. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 9-45